

Sara Baartman e a objetificação da mulher negra



Adriana Gomes de Proença

Servidora do Tribunal Regional Federal da 3ª Região. Mestranda em Direitos Humanos na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP, sob orientação do Professor Doutor Dalmo de Abreu Dallari.

RESUMO: O presente artigo busca analisar a representação contemporânea do corpo da mulher negra, através de sua conexão com a história de Sara Baartman, a africana exposta aos europeus como entretenimento, no início do século XIX. Pensar o corpo da mulher negra implica em pensar o lugar que essa mulher ocupa na sociedade atual. Para tanto, será abordada a correlação entre a visão escravista sobre o corpo da mulher negra, como algo disponível ao homem branco, a imagem do corpo negro feminino na produção cultural de consumo de massa dos séculos XX e XXI, e a sua manutenção na base da pirâmide sócio-ocupacional do Brasil. A negativa de voz a essas mulheres aparece como o fator final na tentativa de relegar a elas um permanente *status* social de inferioridade, que só poderá ser modificado por meio de seu crescente ativismo político, inserindo suas pautas nos debates nacionais e internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Sara Baartman. Mulher negra. Objetificação. Ativismo político.

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 A história de Sara Baartman. 3 A Vênus Negra e o trabalho doméstico. 4 O corpo negro como entretenimento. 5 O silêncio como forma de dominação. 6 Considerações finais. Referências.

1 Introdução

Sara Baartman foi uma mulher africana que, em razão de uma condição genética caracterizada pelo excesso de gordura no quadril e nas nádegas, foi levada à Europa, em 1810, para ser transformada em atração de circo. Recebeu o nome artístico de “Vênus Hotentote” e foi exibida como animal em Londres e Paris. O seu corpo foi estudado por médicos e cientistas e exposto ao público inclusive após a sua morte.

A história de Baartman é tida como um símbolo da exploração e do racismo colonial, que atribuiu ao corpo negro, especialmente ao da mulher negra, a condição de objeto, cuja finalidade era entreter e atender aos desejos, até mesmo sexuais, dos brancos.

Dois séculos depois, ainda se podem ver reflexos da história de Sara nas experiências cotidianas compartilhadas pelas mulheres negras. Desde adolescência, o desenvolvimento do corpo dessas jovens é visto pela sociedade através de lentes hipersexualizadoras, que tentam impor a elas uma postura de constante invisibilidade, uma vez que lhes atribui a responsabilidade de evitar comentários lascivos e investidas de homens contra o seu corpo, até mesmo quando essas investidas são, na realidade, violência sexual.

A noção do corpo da mulher negra como algo disponível para o uso do branco perpassa as relações pessoais individuais, alcançando a esfera social e política.

O trabalho doméstico, que no Brasil é exercido majoritariamente por mulheres negras, refletiu, ao longo do século XX, a visão escravista de pertencimento do corpo da trabalhadora ao seu patrão branco. Até hoje se podem encontrar traços de colonialismo no comportamento dos empregadores, todavia, por não ser mais bem visto na sociedade, tal comportamento se dá de forma velada, dificultando a obtenção de dados estatísticos sobre ele.

A representação das mulheres negras na indústria do entretenimento, sempre de forma hipersexualizada ou ridicularizada, é outro fator substancial para reafirmar o papel de inferioridade a elas relegado. O pouco espaço que lhes é cedido em novelas e filmes passa longe do protagonismo, já que, na maioria das vezes, são escaladas para interpretar o papel de empregadas domésticas, chancelando o pensamento coletivo de que só possuem qualificação para exercer trabalhos relacionados ao âmbito doméstico.

Na vida pública, o árduo trabalho do ativismo negro feminino, iniciado no Brasil no final da década de 70 do século XX, possibilitou à mulher negra levar suas pautas aos debates nacionais e internacionais, rompendo parcialmente as barreiras da invisibilidade e do silêncio que lhes é imposto. Não obstante os inegáveis bons frutos dessa luta, as mulheres negras ainda têm o menor índice de representação política do país.

Os capítulos apresentados nesse artigo buscam, sem a pretensão de exaurir o tema, tampouco de fazer uma análise profunda das adversidades contemporâneas experimentadas pela mulher negra, averiguar o legado deixado pela história de Sara Baartman à representação do corpo feminino negro, bem como em que aspecto essa representação pode estar relacionada à ausência de integração social e política da mulher negra no Brasil.

O objetivo é fornecer um panorama geral sobre a problemática, como forma de reconhecer e explicitar a condição da mulher negra, enquanto minoria dentro de minorias, deixando ao leitor a reflexão sobre os caminhos que podem levar à superação desse quadro, possibilitando a participação plena da mulher negra na sociedade brasileira.

2 A história de Sara Baartman

Sara Baartman, também conhecida

como Saartjie Baartman,¹ do povo Khoikhoi ou Khoisan,² nasceu no vale do rio Gamtoos, localizado na atual Província do Cabo Oriental - África do Sul, em meados de 1789, e cresceu em uma fazenda colonial, onde sua família trabalhava.

Sara perdeu sua mãe aos dois anos de idade e seu pai na adolescência. Aos dezesseis anos, seu companheiro, com quem teve um filho, o qual morreu logo após o nascimento, foi assassinado por colonos holandeses.

Pouco tempo depois, Sara foi vendida como escrava para um comerciante chamado Pieter Willem Cezar, que a levou para a Cidade do Cabo, onde passou a trabalhar no serviço doméstico para o irmão de Pieter, Hendrik Cesars.

Sara tinha esteatopigia, uma condição genética que é mais comum em mulheres Khoisan, caracterizada pelo excesso de tecido adiposo acumulado no quadril e nas nádegas. Em razão disso, recebeu uma proposta e supostamente assinou um contrato, em outubro de 1810, pelo qual concordava em viajar com Hendrik e com um cirurgião inglês, chamado William Dunlop, à Inglaterra e à Irlanda, por cinco anos, para ser exibida para fins de entretenimento, auferindo parte dos lucros oriundos dessas exibições.

Durante os quatro anos em que ficou na Inglaterra, Sara foi exibida como objeto, usando roupa justa da cor de sua pele e um cachimbo. O público inglês ficou fascinado e pagava para vê-la em uma jaula de aproximadamente um metro e meio de altura. As pessoas também podiam pagar por demons-

trações privadas em suas casas, nas quais era permitido que a tocassem.

Sara passou a ser conhecida pelo apelido de “Vênus Hotentote”: “Vênus” em referência à famosa estátua romana da “Vênus Calipigia”, que significa Vênus de nádegas belas, e “Hotentote” era um termo pejorativo usado pelos holandeses para se referir ao povo Khoikhoi.³

Na época, a campanha contra a escravidão estava em alta na Inglaterra, razão pela qual Dunlop e Hendrik foram processados pelo tratamento dispensado a Baartman. Ocorre que ambos foram absolvidos, com o testemunho da própria Sara no sentido de que não era maltratada por eles.

Em setembro de 1814, Sara foi levada à França, onde foi vendida para um exibidor de animais chamado Reaux. Em Paris, ela foi exibida quase nua, vestindo apenas uma tanga na cor de sua pele, em uma jaula ao lado de um filhote de rinoceronte. O público ficou fascinado por ela.

Ela fazia uso contínuo de bebida alcoólica e fumava constantemente. Acredita-se que também tenha sido prostituída por Reaux.

Em uma das exposições, Sara chamou a atenção de Georges Cuvier, um naturalista francês. Em março 1815, com a permissão de Reaux, Cuvier passou a estudar o seu corpo, em conjunto com anatomistas, zoologistas e fisiologistas, que, ao final, concluíram que ela poderia ser classificada como “algo” entre os animais e os seres humanos.

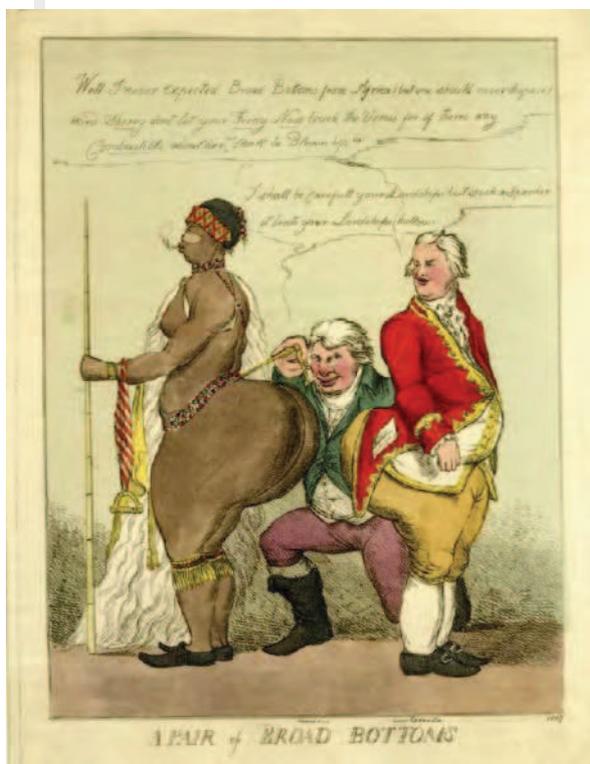
Em 1816, aos vinte e seis anos de idade, Sara morreu de causa ainda incerta. Cogita-se que tenha sido por alcoolismo, pneumonia ou sífilis.

Cuvier obteve o corpo de Sara da auto-

1 Saartjie é diminutivo holandês para Sara. Esse nome lhe foi dado na época em que trabalhava para o colono holandês Hendrik Cesars. SAHO (South African History Online). Sara “Saartjie” Baartman. Disponível em: <<https://www.sahistory.org.za/people/sara-saartjie-baartman>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

2 Khoisan é um termo usado para designar a unificação de dois grupos étnicos do sudoeste da África do Sul, que partilham de características físicas e linguísticas: os Khoikhoi e os San. SAHO (South African History Online). *The Khoikhoi*. Disponível em: <<https://www.sahistory.org.za/article/khoikhoi>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

3 No Brasil, também conhecida como Vênus Negra. RIOS, Flávia. A cidadania imaginada pelas mulheres afro-brasileiras: da ditadura militar à democracia. In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de feminismo*: Argentina, Brasil e Chile. São Paulo: Edusp, 2017, p. 227-253.



Fonte: www.bbc.com

ridade policial e o modelou com gesso, antes de dissecá-lo, bem como conservou o seu esqueleto e colocou o seu cérebro e órgãos genitais em frascos, que ficaram expostos no Museu do Homem de Paris até 1974.

Em 1994, o então recém-eleito presidente da África do Sul, Nelson Mandela, requereu à França a repatriação dos restos mortais de Baartman, o que ocorreu somente em 2002, quando ela pode finalmente ser enterrada em sua pátria.

3 A Vênus Negra e o trabalho doméstico

A história de Sara mostra não somente a redução de uma mulher africana à condição de objeto durante toda a sua vida, mas, também, como o seu corpo foi usado após a sua morte, pela dita ciência da época, para reafirmar o estereótipo de que os africanos eram primitivos e hipersexualizados.

Cuvier e os demais cientistas que estudaram o corpo de Sara, em vida e pós-morte, deixaram como legado às gerações futuras essa representação deturpada e degradante do corpo negro.

Consoante afirma Natasha Gordon-Chipembere, a “Vênus Hotentote” é uma construção de um discurso colonial masculino sobre a sexualidade feminina, que impactou a forma como a mulher negra foi representada no começo do século XX.⁴

Tal olhar sobre o corpo negro não foi diferente no Brasil escravista, período em que a desumanização desses corpos alcançou também o campo afetivo e sexual, sendo este último especialmente em relação às mulheres, que sofreram constante abuso sexual de seus senhores, com as “bençãos” da Igreja, que atribuiu à mulher negra a pecha de “tentação pecaminosa”, a qual o seu senhor não podia resistir.

Em relação a esse aspecto, Juliana Farias, Flavio Gomes e Giovana Xavier recordam que a alegada flor das relações entre senhores e escravas, no universo doméstico, tinha os espinhos da desconfiança, do ódio e dos assassinatos. A tais espinhos, acrescenta-se o do abuso sexual.⁵

Todavia, a realidade brasileira pós-abolição também reservou às mulheres negras apenas os serviços domésticos como forma de sobrevivência, em condições que pouco se diferenciaram daquelas a que eram submetidas na época da escravidão, inclusive em relação à objetificação de seu corpo.

Nesse ponto, pode-se fazer um paralelo com o período pós-escravista nos Estados Unidos, no qual as mulheres negras que não enfrentavam o árduo trabalho nos campos se viam obrigadas a executar serviços domésticos, que, na visão dos brancos, não passavam

4 GORDON-CHIPEMBERE, Natasha. *Representation and black womanhood: the legacy of Sarah Baartman*. Palgrave Macmillan, 2011.

5 FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio; XAVIER, Giovana (orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 9.

de “uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão”.⁶ Dessa forma, a condição de ex-escravas pouco significou a essas mulheres, uma vez que continuaram vulneráveis a todo tipo de abuso no âmbito doméstico:

Desde a Reconstrução até o presente, as mulheres negras empregadas em funções domésticas consideraram o abuso sexual cometido pelo “homem da casa” como um dos maiores riscos de sua profissão. Por inúmeras vezes, foram vítimas de extorsão no trabalho, sendo obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza absoluta para si mesmas e para sua família.⁷

A correlação entre o trabalho doméstico e a submissão, inclusive sexual, da trabalhadora esteve presente na visão do homem branco do século XX, adentrando também, ainda que em menor escala e de forma menos explícita, no século XXI.

Atualmente, no Brasil, ainda há a prevalência de mulheres negras dentre os trabalhadores domésticos. Em 2010, o IBGE estimou em 1,6 milhão o número de trabalhadores domésticos nas seis principais regiões metropolitanas do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre), sendo 61,8% pretos ou pardos, e 94,3% mulheres.⁸

Segundo um estudo do IPEA, de 2011, sobre a situação das trabalhadoras domésticas no país:

De fato, o trabalho doméstico é – e sempre foi – uma ocupação desempenhada majoritariamente por mulheres

e negras. O perfil dessa ocupação remonta não só às raízes escravistas da sociedade brasileira, mas também às tradicionais concepções de gênero, que representam o trabalho doméstico como uma habilidade natural das mulheres. O emprego doméstico tem, assim, ocupado posição central nas possibilidades de incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, particularmente das negras, pobres e sem escolaridade ou qualificação profissional.⁹

No tocante à violência sexual sofrida por essas trabalhadoras, embora não haja uma estatística oficial, sabe-se o quanto tais situações são comuns e banalizadas em nossa sociedade.

A antropóloga Valeria Ribeiro Corrossacz, em seu artigo *Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio*, entrevistou homens brancos, de 43 a 60 anos, de classe média do Rio de Janeiro, com o intuito de analisar as chamadas “relações sexuais de iniciação” com trabalhadoras domésticas e, em menor escala, com prostitutas, experiências que, segundo a análise da autora, são elemento central na definição do pertencimento de classe e cor.¹⁰

Os entrevistados de Corrossacz falaram com naturalidade sobre as relações sexuais que tiveram com empregadas domésticas em sua adolescência, uma vez que essas eram entendidas como mulheres sobre as quais se tem o direito de apropriação, inclusive sexual, em razão de sua condição subalterna. A questão racial dessa violência, ainda que não admitida expressamente pelos entrevistados, pode ser elucidada pelo relato de um deles:

6 DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 98.
 7 *Ibidem*, p. 99.
 8 IBGE. *IBGE traça o perfil dos trabalhadores domésticos*, 26 abr. 2006. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=586&busca=1&t=ibge-traca-perfil-trabalhadores-domesticosbr>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

9 IPEA. *Comunicados do IPEA nº 90: situação atual das trabalhadoras domésticas no país*, 05 maio 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110505_comunicadoipea90.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.
 10 COROSSACZ, Valeria Ribeiro. *Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio*. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 22, maio/ago. 2014, p. 521. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36540/28544>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Mas eu acho que é isso, que você percebe que aquela ali tem... uma negra sobre quem você tem domínio. Ainda mais, é uma mulher. E, no mais, você tem uns hormônios ali que estão te mandando. Tem o seguinte: se eu, na adolescência, estivesse na rua com os amigos e passasse uma branca... Eu vou botar assim: alguém que eu entendesse que era do mesmo nível que eu, apesar de mulher, tá, eu não ia mexer com ela. Mas se passasse uma mulata, eu era capaz de mexer com ela.¹¹

O fato de muitos desses entrevistados tentarem justificar a violência sexual perpetrada contra essas mulheres com o argumento de que, ainda que errado, era um comportamento comum naquela época, tem relação direta com a visão escravista sobre o corpo negro feminino que, um século depois da abolição, ainda não tinha sido superada.

É importante frisar que a representação da mulher negra na produção cultural de consumo de massa do século XX muito contribuiu para reforçar essa hierarquia sócio-ocupacional no Brasil, bem como a noção de total submissão dessas mulheres ao homem branco, uma vez que lhes foram reservados apenas os papéis menos importantes, sexualizados ou relacionados a serviços domésticos e a outras condições de subserviência, em novelas, filmes, programas de entretenimento e anúncios publicitários.

4 O corpo negro como entretenimento

O olhar branco sobre corpo negro, especialmente da mulher negra, sempre foi muito ligado à ideia de entretenimento.

Tal noção era tão comum que alguns es-

tudiosos acreditam que a história de Baartman ficou famosa tão somente por ter se tornado um caso jurídico na Inglaterra de 1810, e não por ter sido exibida como entretenimento aos brancos, até mesmo porque ela foi uma entre várias mulheres africanas a serem exibidas dessa forma.

Nesse aspecto, Gordon-Chipembere ressalta que o real problema para a Corte de Justiça no caso de Baartman não era a imoralidade da exibição de uma mulher africana em uma jaula, como se fosse um animal, mas, sim, a possibilidade da exposição indecente de seu corpo ferir o decoro do civilizado público inglês.¹²

O corpo negro sempre esteve sob o jugo da pretensa moralidade branca que, ao mesmo tempo em que o hipersexualiza, o coloca constantemente numa condição subalterna em relação ao corpo branco, utilizando-se, inclusive, da indústria fonográfica e audiovisual para reforçar esses papéis.

Flavia Rios pontua essa questão:

No Brasil da ditadura militar, sobravam imagens de mulheres negras. Longe de protagonizarem a esfera pública com suas críticas à sociedade dominante, elas eram erotizadas nas canções de samba, no carnaval e nas novelas onde figuravam como empregadas domésticas. Os dois arquétipos da feminilidade negra que vigiam na representação nacional desde o período escravista recriavam-se na televisão colorida, símbolo da alta tecnologia dos anos de 1970, que naturalizava as formas velhas e arcaicas do patriarcalismo ao gosto brasileiro: a preta para trabalhar e a mulata para fornicar. Era o país do samba, do futebol e das mulatas.¹³

11 COROSSACZ, Valeria Ribeiro. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 22, maio/ago. 2014, p. 535. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36540/28544>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

12 GORDON-CHIPEMBERE, Natasha. *Representation and black womanhood: the legacy of Sarah Baartman*. Palgrave Macmillan, 2011, p. 9.

13 RIOS, Flavia. A cidadania imaginada pelas mulheres afro-brasileiras: da ditadura militar à democracia. In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de*

Ainda hoje, não se superou essa noção pecaminosa que paira sobre o corpo da mulher negra, conferindo-lhe um *status* social de inferioridade que, muitas vezes, influencia até mesmo a visão do homem negro, fazendo-o buscar em uma relação com uma mulher branca o afeto real e a segurança social que entende não ser possível obter em uma relação afrocentrada, reproduzindo, ainda que inconscientemente, a ideia de que a mulher negra pode ser uma boa opção para relações sexuais, mas não para relação amorosa.¹⁴

Outrossim, os padrões ocidentais de beleza e feminilidade são sempre relacionados à branquitude, de modo que a mulher branca na mídia é constantemente representada pelos papéis de mãe, de mulher elegante, de universitária, ou de profissional de sucesso. Enquanto que a visibilidade do corpo negro se dá, na maioria das vezes, em instâncias marginalizadas e sexualizadas, como o carnaval, mídias voltadas ao público masculino, músicas e anúncios publicitários com apelo sexual.

O destaque dado ao corpo dessas mulheres, principalmente às suas nádegas, pela indústria do entretenimento revela a conexão ainda existente entre as mulheres negras da sociedade atual e Sara Baartman. Gordon-Chipembere, citando o artigo *Negritude 2.0: modern day hottietots*, de Mark Reynolds, ressalta que o fato de, hoje, mulheres negras ganharem notoriedade e muito dinheiro por exibirem seus corpos não as afasta da realidade experimentada por Sara, qual seja, a do corpo negro feminino exposto como mercadoria, para ser comprado e desrespeitado.¹⁵

No Brasil, é socialmente aceitável que

feminismo: Argentina, Brasil e Chile. São Paulo: Edusp, 2017, p. 229.

14 A esse respeito ver: MAGALHÃES, Anna Claudia. Como o desafio do homem negro afeta a mulher negra. *GELEDÉS - Instituto da mulher negra*, 27 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-o-desafeto-do-homem-negro-afeta-mulher-negra/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

15 GORDON-CHIPEMBERE, Natasha. *Representation and black womanhood: the legacy of Sarah Baartman*. Palgrave Macmillan, 2011, p. 11-12.

uma mulher negra seja a vencedora do concurso Miss Bumbum,¹⁶ mas não do concurso Miss Brasil, já que, neste caso, ela estaria representando a beleza feminina nacional perante o mundo. Recentemente, Monalysa Alcântara, vencedora do concurso Miss Brasil 2017, sofreu ataques racistas nas redes sociais, através de comentários como o de que a jovem só teria vencido o concurso em razão das “cotas”, ou indagando, em tom irônico, se a candidata do Rio Grande do Sul (branca) tinha menos “brasilidade”, ou, até mesmo, dizendo que Monalysa tinha “cara de empregadinha”, e não de miss.¹⁷

Paralelamente a isso, tem-se a representação jocosa do corpo negro como outra forma de entretenimento. No Brasil, até hoje, se encontram vestígios dos conhecidos espetáculos de menestréis (*minstrel show*), populares nos Estados Unidos no século XIX e até meados do século XX, nos quais artistas brancos, com o rosto pintado de preto (*blackface*) e contorno nos lábios, interpretavam de forma ridicularizante personagens negros, femininos e masculinos.

Nestes últimos anos, diversos programas de televisão – matinais, de auditório, humorísticos e até mesmo de esportes – de emissoras nacionalmente conhecidas fizeram uso de *blackface*. Em 2016, uma peça de teatro, em cartaz desde 2003, foi cancelada em São Paulo, após protestos nas redes sociais, por utilizar *blackface* para representar uma empregada doméstica negra.¹⁸

16 Ver: SANT’ANNA, Thaís. Miss Bumbum: Erika Canela, da Bahia, é a primeira negra a vencer disputa. *Ego*, 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://ego.globo.com/noite/noticia/2016/11/erika-canela-vence-o-miss-bumbum-2016-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

17 Vide: VENCEDORA do Miss Brasil é alvo de mensagens racistas nas redes sociais. *Extra*, 21 ago. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/vencedora-do-miss-brasil-alvo-de-mensagens-racistas-nas-redes-sociais-21730693.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

18 Ver: GIANNINI, Alessandro. Peça em SP é cancelada para dar lugar a debate sobre uso de “blackface”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/peca-em-sp-cancelada-para-dar-lugar-debate-sobre-uso-de-blackface-16056539>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

O fato desses casos serem, atualmente, alvo de severas críticas, obrigando, muitas vezes, os atores e editores a se desculparem publicamente e a cancelarem a peça ou o personagem, se deve, em grande parte, ao ativismo político das mulheres negras, que ganhou mais visibilidade com o advento das redes sociais no cotidiano do brasileiro.

A esse mesmo ativismo cabe o mérito de que, em 2017, a emissora Rede Globo apresentou em sua vinheta de Carnaval, pela primeira vez, desde 1992, a “Globeleza”¹⁹ trajando roupas. Para a pesquisadora Djamila Ribeiro, essa mudança na abordagem da emissora representa o rompimento da “objetificação de séculos da mulher negra, sempre colocada de maneira ultrasesexualizada – o que contribui para essa imagem de que ela é lasciva e justifica a violência contra nossos corpos”, disse à Folha de São Paulo. Na mesma ocasião, Djamila afirmou, também, que a nudez pode ser uma forma de libertação para a mulher branca, socialmente construída para ser “da casa”, mas não para a mulher negra, que sempre é colocada como se tivesse que atender aos desejos masculinos.²⁰

Todas essas conquistas são fruto de muita luta do feminismo negro no Brasil, nascido no final da década de 1970 da necessidade de se estabelecer uma “[...] crítica coletiva às representações dominantes marcadas por fortes desigualdades persistentes e estereótipos coloniais [...]”,²¹ em um esforço para dar voz às mulheres negras e visibilidade às suas reivindicações.

19 Nome dado à dançarina negra que aparece sambando nas vinhetas de Carnaval da emissora Rede Globo, com o corpo nu, inteiramente pintado.

20 Matéria completa em: PESSOA, Gabriela Sá. Globeleza vestida na vinheta de Carnaval agrada pela novidade. *Folha de São Paulo*, 17 jan. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1850379-globeleza-vestida-na-vinheta-de-carnaval-agrada-feministas.shtml>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

21 BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile*. São Paulo: Edusp, 2017, p. 232.

5 O silêncio como forma de dominação

Assim como a história da maioria das mulheres negras, a de Sara Baartman foi marcada pelo silêncio de sua própria voz. Tudo o que se sabe sobre ela foi contado através de relatos e documentos de homens brancos, não havendo qualquer menção sobre os traços de sua personalidade, tampouco sobre os seus pensamentos e impressões em relação à constante exposição de seu corpo. O dever de Sara era apenas ser vista e não ouvida.

É sabido que uma das formas de perpetuar o poder dominante é silenciar a voz dos dominados. A sociedade patriarcal relegou às mulheres o papel de espectadoras, sem qualquer representação política ou participação econômica relevante.

No Brasil, inúmeras mulheres, especialmente as negras, protagonistas de lutas de resistência política, foram invisibilizadas pela história oficial. A título exemplificativo, pode-se citar Luísa Mahin,²² mãe de Luís Gama e uma das principais lideranças da Revolta dos Malês, a maior rebelião de escravos ocorrida na Bahia, no século XIX, cujo nome foi apagado das páginas de nossa história.²³

E, se as mulheres brancas tiveram que lutar arduamente para fazer avançar suas pautas, o que só foi possível, nestas últimas décadas, em decorrência dos movimentos

22 Ex-escrava, fez de sua casa um quartel de todos os levantes escravos ocorridos na Bahia, nas primeiras décadas do século XIX. Na Revolta dos Malês, protagonizada por escravos africanos de religião muçulmana, Luísa, aproveitando-se de seu trabalho como quituteira, enviava mensagens escritas em árabe para outros rebeldes, através de meninos que simulavam a compra de seus produtos. Quando a Revolta foi neutralizada pelo governo, Luísa conseguiu fugir para o Rio de Janeiro, onde continuou a luta pela liberdade dos negros. Todavia, acabou sendo presa e deportada para a África. SCHUMAHER, Schuma; CEVA, Antonia. *Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, p. 18-19.

23 “No dia 9 de março de 1985, por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, seu nome foi dado a uma praça em Cruz das Almas, bairro da capital paulista”. *Ibidem*, p. 19.

feministas iniciados na década de 70, as mulheres negras tiveram que atuar em duas frentes de batalha: contra o patriarcado e contra o racismo.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis.²⁴

Nessa perspectiva, importante ressaltar que a participação ativa da mulher negra nos movimentos de oposição à ditadura militar lhe permitiu conquistar algum espaço em jornais alternativos de oposição ao regime, para falar de sua condição de minoria dentro de minorias. O periódico *Versus*, um dos poucos jornais de oposição com circulação nacional à época, publicou, em junho de 1977, um artigo intitulado “Mulher Negra”, escrito pela ativista do movimento negro e da convergência socialista, Neusa Maria Pereira, no qual ela “[...] estabelecia as relações entre subordinações sexual e racial atreladas à exploração de classe”.²⁵

Com a gradual abertura política, quando os movimentos sociais começaram a pensar em um novo Brasil, as mulheres negras perceberam que suas pautas não estavam incluídas naquelas do movimento feminista, voltadas às necessidades das mulheres brancas, tampouco nas do movimento negro, cuja face sexista não permitia a abordagem das reivindicações de gênero. Dessa forma, fez-se necessária a criação de um movimento feminista próprio das mulheres negras.

A partir da redemocratização, o ativismo negro feminino se expandiu rapidamente, sendo criados diversos coletivos e ONG’s,

como o Geledés, de São Paulo (1986), que é a mais expressiva organização de mulheres negras do Brasil, e o Criola, do Rio de Janeiro (1992). O processo de empoderamento do feminismo negro levou à ampla participação dessas organizações nos debates nacionais e até mesmo internacionais. Em 2001, Edna Roland, ativista negra integrante de diversos coletivos e ONG’s de São Paulo, foi nomeada relatora da Conferência contra o Racismo da ONU:

[...] Era a primeira vez que uma mulher brasileira, em posição extraparlamentar, ocupava um cargo tão relevante num conclave mundial. Esse evento internacional de grande magnitude foi extremamente importante para a mudança da agenda pública brasileira, favorecendo a inserção da temática da igualdade racial, expressada pelo conceito das ações afirmativas, na esfera governamental, iniciando um processo de produção de políticas de Estado direcionadas à equidade étnico-racial.²⁶

Não obstante todas as conquistas decorrentes da ampliação da força do movimento feminista negro, a mulher negra ainda tem que lutar diariamente por seu espaço dentro da sociedade, por seu lugar de fala, e até mesmo pela equiparação ao *status* social das mulheres brancas, que já alcançaram espaços ainda negados às negras, como as universidades e os empregos com melhores condições e remunerações.

No tocante à esfera política, a representatividade da mulher negra é ínfima, já que se trata de um espaço público historicamente negado à negritude e às mulheres. A título exemplificativo, nas últimas eleições para o Congresso Nacional, em 2018, foram eleitas 13 mulheres pardas ou pretas, representando somente 2,2% do total das cadeiras da Câmara e do Senado.²⁷

24 RIBEIRO, Djamilia. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 123.

25 BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile*. São Paulo: Edusp, 2017, p. 237.

26 *Ibidem*, p. 244.

27 OLIVETO, Paloma. Subrepresentada, bancada de mulhe-

A participação política das mulheres negras está diretamente relacionada à possibilidade de mudança das estruturas de poder, o que implica, necessariamente, na retirada de privilégios dos setores hegemônicos. Daí porque o enorme empenho desses setores em calar as vozes negras, especialmente as femininas, numa tentativa de minar qualquer possibilidade de ascensão dessa minoria às esferas de poder.

[...] O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinato de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa da Violência de 2015. Falta um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento da violência contra a mulher.²⁸

Em março de 2018, Marielle Franco, a quinta vereadora mais votada nas eleições municipais de 2016 do Rio de Janeiro, foi sumariamente executada ao voltar do evento “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, em uma clara tentativa de calar a sua voz enquanto mulher negra e de comunidade. A luta de Marielle era atrelada aos direitos humanos e ao empoderamento da população negra de comunidade no Rio de Janeiro, daí porque incomodava tanto aqueles que, historicamente, detêm o poder no país.

O espaço da mulher negra foi conquistado com muita dificuldade e muito sofrimento, de modo que o silêncio não lhe será mais imposto. O feminismo negro continua se expandindo e buscando cada vez mais re-

presentatividade política, para, talvez assim, alcançar a prometida emancipação racial e de gênero.

6 Considerações finais

Da análise do exposto, pode-se constatar que a superação de todos os obstáculos sociais e políticos à integração da mulher negra na sociedade, em condições de igualdade com os demais – homens brancos, mulheres brancas e homens negros –, demandará tempo e muito esforço coletivo.

A história de Sara Baartman ainda se faz presente em cada polegada do corpo da mulher negra, que carrega o peso da hipersexualização, da ridicularização e da submissão.

Restou evidenciado que a objetificação da mulher negra está intimamente ligada à manutenção do privilégio branco, especialmente do homem branco, que utiliza de todos os artifícios para reafirmar a ideia de inferioridade e de disponibilidade do corpo feminino negro.

O crescente ativismo político dessas mulheres quebrou o silêncio de suas vozes e as colocou, ainda que em pequena escala, no espaço público de fala, de onde não serão mais retiradas.

Somente a luta coletiva é capaz de mexer nas estruturas patriarcais e brancas de poder no Brasil, fazendo-as entender que o corpo feminino negro não foi feito para o entretenimento branco.

A liberdade almejada pela mulher negra envolve o poder de se autodeterminar e o direito de existir para si mesma.

res negras crescerá 30% em 2019. *Correio Braziliense*, 20 out. 2018. Disponível em: <https://www.correio-braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/20/interna_politica,713916/subrepresentada-bancada-de-mulheres-negras-crescera-30-em-2019.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2019.

28 RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 125.

Referências

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile*. São Paulo: Edusp, 2017.

COROSSACZ, Valeria Ribeiro. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 22, p. 521-542, maio/ago. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36540/28544>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio; XAVIER, Giovana (orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

GIANNINI, Alessandro. Peça em SP é cancelada para dar lugar a debate sobre uso de “blackface”. O Globo, 04 maio 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/peca-em-sp-cancelada-para-dar-lugar-debate-sobre-uso-de-blackface-16056539>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

GORDON-CHIPEMBERE, Natasha. *Representation and black womanhood: the legacy of Sarah Baartman*. Palgrave Macmillan, 2011.

IBGE. *IBGE traça o perfil dos trabalhadores domésticos*, 26 abr. 2006. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=586&busca=1&t=ibge-traca-perfil-trabalhadores-domesticosbr>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

IPEA. *Comunicados do IPEA nº 90: situação atual das trabalhadoras domésticas no país*, 05 maio 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110505_comunicadoipea90.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MAGALHÃES, Anna Claudia. Como o desafeto do homem negro afeta a mulher negra. *GELEDÉS - Instituto da mulher negra*, 27 jan. 2017. Disponível

em: <<https://www.geledes.org.br/como-o-desafeto-do-homem-negro-afeta-mulher-negra/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

OLIVETO, Paloma. Subrepresentada, bancada de mulheres negras crescerá 30% em 2019. *Correio Braziliense*, 20 out. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/20/interna_politica,713916/subrepresentada-bancada-de-mulheres-negras-crescera-30-em-2019.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PESSOA, Gabriela Sá. Globeleza vestida na vinheta de Carnaval agrada pela novidade. *Folha de São Paulo*, 17 jan. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1850379-globeleza-vestida-na-vinheta-de-carnaval-agrada-feministas.shtml>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

RIBEIRO, Djamilá. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANT'ANNA, Thaís. Miss Bumbum: Erika Canela, da Bahia, é a primeira negra a vencer disputa. *Ego*, 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://ego.globo.com/noite/noticia/2016/11/erika-canela-vence-o-miss-bumbum-2016-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SAHO (South African History Online). *Sara “Saartjie” Baartman*. Disponível em: <<https://www.sahistory.org.za/people/sara-saartjie-baartman>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SAHO (South African History Online). *The Khoikhoi*. Disponível em: <<https://www.sahistory.org.za/article/khoikhoi>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SCHUMAHER, Schuma; CEVA, Antonia. *Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

VENCEDORA do Miss Brasil é alvo de mensagens racistas nas redes sociais. *Extra*, 21 ago. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/vencedora-do-miss-brasil-alvo-de-mensagens-racistas-nas-redes-sociais-21730693.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.